

## Narrativas de Professores Leigos de Matemática no Município de Pelotas

LAURA LEAL MOREIRA<sup>1</sup>; DIOGO RIOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPel – laurallm93@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPel – riosdf@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Como se constituíam os docentes de matemática antes da criação de cursos de formação de professores na metade sul do Estado? De onde vinham os docentes que atuavam nas escolas? Como era feito o processo de seleção para ingressar como professor em escolas do município? Havia cursos de capacitação de professores nessa área? São algumas das perguntas que pretendo explicar no decorrer do trabalho que venho desenvolvendo no âmbito da iniciação científica dentro do grupo de estudos que procura pesquisar sobre a História da Matemática na metade Sul do Estado, na cidade de Pelotas, coordenado pelo Professor Doutor Diogo Rios.

Tendo como objetivo principal investigar as narrativas de professores leigos de Matemática no município de Pelotas, pretendo averiguar pormenores de como esse profissional se fazia professor de Matemática em uma época onde ainda não havia instituições que formassem docentes.

No que diz respeito ao aporte teórico que sustenta minha pesquisa, trago Rolkouski (2008; p.64) que afirma que *“a História Oral ocupa hoje, um lugar de relativo destaque, entre aqueles que se ocupam em utilizá-la como método para levantamentos históricos stricto sensu na área de História da Educação Matemática...”*, para justificar a escolha de minha metodologia.

Cabe salientar que a dificuldade para a análise das fontes será evidente visto que na entrevista, método de arrecadação de fontes, o entrevistado muitas vezes pode expressar-se de uma forma querendo dizer outra coisa e diante disso é muito complicado se manter imparcial com as conclusões. Além do mais é evidente que em uma entrevista o entrevistado pode se sentir envergonhado ou talvez desconfortável, seja pelo gravador, seja pelo local onde esta ocorrendo as perguntas. A relação que se cria em uma entrevista é algo minucioso, pois como afirma Thompson "O historiador oral tem que ser um bom ouvinte, e o informante, um auxiliar ativo. Como diz George Ewart Evans, "muito embora os velhos sobreviventes fossem livros ambulantes, eu não podia apenas folheá-los. Eles eram pessoas". Também os historiadores são pessoas. Eles vieram com um objetivo, obter informação, e se, no fundo, estão envergonhados disso, não deviam ter vindo. Um historiador que apenas se envolve com uma reminiscência casual coletará informações interessantes, mas desperdiçará a oportunidade de obter a evidência crítica para a estrutura do debate e da interpretação histórica."(THOMPSON; 2002; p.43)

São alguns pequenos detalhes que devem ser levados em consideração para um bom e preciso estudo das narrativas que irei colher para por fim conseguir ou não chegar no meu objetivo central.

### 2. METODOLOGIA

Desse modo resolvi aderir a História Oral como fonte e metodologia, pois considero que com a entrevista como fonte geradora de dados sou capaz de encontrar

resquícios que sejam consideráveis para um estudo mais aprofundado sobre os fatos mencionados anteriormente.

Dentre a importância deste estudo e tendo em consideração que irei trabalhar com *“fontes vivas”* cabe salientar a questão do profissional docente, pois como afirma Nóvoa (1995, APUD ABRAÃO, 2002, p.01) *“sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão impregnada de valores e de ideais muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”*, surgindo então uma novo problema a se considerar na análise dos dados.

A entrevista em si também é algo que deve ser muito bem pensado, pois conforme aconselha Eclea Bosi (1997, APUD CUSTÓDIO, 2012, p.6) *“que espaço de autonomia no trabalho de lembrar o professor realizou sobre si mesmos? Considerando sua inserção no universo da docência, que sentidos atribuíram à sua participação no mundo social que fazem parte?”* E como corrobora Custódio,

Uma entrevista pode representar a oportunidade para as pessoas falarem sobre si, pensarem sobre suas vidas ao longo de suas histórias, sobre suas escolhas e seus projetos. Falar de si e sobre si, torna-se a circunstância apropriada para que os narradores expressem o sentido de sua existência.(CUSTÓDIO; 2012; p.6)

Desta forma, pretendo por meio da entrevista captar elementos que possam me ajudar a desmistificar a proposta do projeto.

Para dar início as investigações de meu tema, apresento o Professor Lino de Jesus Soares, docente que é considerado relevante pela Universidade Católica de Pelotas-UCPel e é uma das minhas fontes de pesquisa, o qual já tive a oportunidade de entrevistar, em seguida apresentarei algumas falas do mesmo as quais servirão de reflexão para as minhas indagações.

Professor Lino de Jesus Soares, oitenta e cinco anos, nascido em Arroio Grande, possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1974) e especialização em Internacional de Matemática pela Organização dos Estados Americanos (1978). Atualmente é Professor Assistente da Universidade Católica de Pelotas. Tem experiência na área de Educação.

A entrevista deu-se na Universidade Católica de Pelotas- UCPel, local onde o professor atua, no dia 09 de junho de 2014. Para iniciarmos a análise da problemática deixarei o mesmo contar como foi sua alfabetização e alguns processos até seu início como docente.

**Laura: Você pode me contar um pouquinho de sua trajetória, onde estudou, onde você atuou?**

*“Bem, eu me alfabetizei em casa e quando eu fui pra cidade com oito anos eu já entrei no terceiro ano do curso primário e ai naquela época havia uma certa flexibilização no ensino primário, sobretudo numa cidade pequena como Arroio Grande que na época tinha três mil e seiscentos habitantes, tinha um único colégio, eu fiz o terceiro ano do curso primário de manhã e o quarto ano de tarde. Fiz simultaneamente os dois e terminei o curso primário lá com 10 anos. E ai eu interrompi pra ajudar meu pai, porque nós éramos já oito filhos né, e só ele trabalhava numa granja de operários. Dai fui trabalhar na granja e então eu estudava sozinho de noite.”*

*“... quando viemos para Pelotas, em 1940 nos fixamos aqui eu também não podia estudar porque tinha que ajudar ele a trabalhar para sustentar os mais moços porque daí já eram nove, nós somos treze. Então eu fiz os meus estudos de forma auto didática e sozinho. Bom, ai quando eu estava com dezesseis anos, quinze para dezesseis anos, eu fiz o ... o antigo, hoje o supletivo do curso ginásial com todas as disciplinas bem, ai fiz, fui bem*

sucedido. Ai eu fiz no ano seguinte, eu fiz o supletivo do científico na época, hoje ensino médio, também fiz e fui bem sucedido. Fiz no Ginásio Lemos Júnior em Rio Grande.”

“... Em certa ocasião a Maçonaria abriu aqui um curso de preparação (...)” “... para preparar os estivadores pra fazer curso pra conferente no Porto, porque o porto era muito movimentado aqui. Eles contrataram pra professor de matemática um funcionário do Banco do Brasil mas o banco transferiu o funcionário para uma outra cidade e então a escola ficou sem professor de matemática, a matemática era a... a matemática comercial só me entende? Bom na matemática o professor foi transferido e o diretor morava na quadra da minha casa e me perguntou se eu não gostaria [de dar aula], porque ele acompanhava os meus estudos, eu estudava até duas, três, quatro horas da manhã, sozinho, e eu dava umas aulas particulares para os vizinhos para os amigos e ele me perguntou se eu não gostaria de... [dar aula]. E eu disse olha, o meu sonho sempre desde que eu terminei o curso primário foi ser professor, eu queria ser professor de matemática desde que eu terminei o curso primário. Então eu aceitei e isto foi em 1947 e até hoje não parei mais, vai fazer 67 anos que eu dou aula. É um bom tempo né? [risos]” (SOARES,2014,p.01-03)

Diante deste trecho fica evidente o quanto a entrevista faz o sujeito rememorar o seu passado e detalhes que para ele foram importantes. É inevitável quando se trata de entrevistas que o entrevistado relembre fatos que talvez não sejam de total relevância para minha análise, mas que são conexões que o mesmo precisa fazer para conseguir responder aos meus questionamentos.

Para não desviar do rumo de meu trabalho, pergunto ao professor como o mesmo tornou-se professor, havia algum tramite a se fazer, ou simplesmente poderia ser “convidado” como ele foi e assumir, então o mesmo me explica:

“...bom, eu fiz concurso para ser professor com 18 anos em Porto Alegre e dai eu peguei o Registro no Ministério da Educação que era um registro que me permitia dar aula no primeiro e segundo grau nas cidades onde não houvesse faculdade de filosofia, Pelotas não tinha, então eu podia dar aula”.(SOARES,2014,p.01-03)

Ao analisar este trecho da fala de meu entrevistado, o mesmo traz a existência de um registro o qual “... permitia dar aula no primeiro e segundo grau nas cidades onde não houvesse faculdade de filosofia...”, com isso, resolvi indagar o mesmo de como funcionava esse registro e quem eram então os professores de Matemática que atuavam? Eles tinham que tipo de formação?

### **Laura: Você disse que antes da sua graduação, você já lecionava sem nenhum tipo de formação específica, no caso você só precisava ter o registro?**

“É, os primeiros professores do Pelotense que é um dos colégios mais antigos da cidade, não tinham. Porque não havia universidade. O problema é o seguinte, repare bem, o pelotense foi fundado me parece que em 1912, uma coisa assim, eu sei que ele tem mais de 100 anos, e o Ministério da Educação que foi quem regulamentou a formação de professores no Brasil, professor de nível universitário e as licenciaturas foi com a criação da USP em 1934 que foi a primeira universidade brasileira, então o Pelotense... não tinha, não podia ter e a escola superior que tinha no Brasil eram a dos militares que foi a escola fundada pelo Dom João XI, a Academia Real Militar, que é a Academia Militar do Realengo, que foi fundada por ele, era a única escola que tinha aulas de matemática superior de calculo diferencial, integral, geometria analítica, geometria projetiva, álgebra mais avançada, teoria das equações, era uma academia real militar(...)” “...então os professores não tinham e em nenhum lugar do Brasil, não era só aqui no Sul do Brasil. Em nenhum lugar porque não tinha mesmo formação. O Francisco Campos que foi o primeiro ministro da educação é quem regulamentou, legislou o ensino secundário no Brasil, criando o curso de primário com cinco anos e depois o ginasial com cinco e depois o ginasial II que eram os

*chamados pré que já era feito dentro da universidade, por isso as primeiras universidades tinham os colégios pré técnicos(...)" "...que era uma espécie de segundo grau já dentro da universidade. Bom, mas escolas de engenharia tinham-se desde o tempo do império, escolas de direito(...)" "... mas a formação de professores não, então quem é que dava aula então? Os engenheiros que tinham uma formação técnica né, mas tinham estudado de alguma forma, tinha estudado matemática avançada entende?" (SOARES,2014,p.01-03)*

Em frente a este trecho consigo então chegar à questão central de minha pesquisa, os professores laicos no ensino de Matemática. Pretendo para seguir com meu trabalho procurar entender como era a matemática que estes professores ensinavam, quais eram as metodologias que os mesmos adotavam, os mesmos formaram-se posteriormente em Licenciatura em Matemática? Houve alguma pressão por parte de órgãos para o que os mesmos tivessem a graduação? Dentre outros questionamentos que virão a surgir.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resolvo aqui denominar prosseguimentos e não resultados, uma vez que, minha pesquisa ainda está em andamento e não tenho resultados palpáveis da mesma, apenas trago justificativas e o porquê estou pesquisando sobre o tema.

Para próximos estudos, pretendo averiguar os pormenores de como eram as práticas matemáticas e metodologias que estes professores leigos tinham, quais foram os motivos (e se teve algum) que levaram os mesmos a começar a lecionar. O meu primeiro entrevistado foi a primeira tentativa de se chegar mais próximo do objetivo, estou agora buscando novos personagens que possam me ajudar a constatar conclusões mais precisas do caso.

Contudo, cabe aqui ressaltar que embora este primeiro professor tenha tido renome e importância para a comunidade acadêmica de Pelotas, o que busco mesmo são professores comuns ou não, leigos que atuaram no ensino de Matemática no município de Pelotas e não só professores que tiveram prestígio. Busco pessoas normais, as quais tenham a oportunidade de me falarem um pouco como foram suas práticas e suas vivências.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. . **Histórias de vida de destacados educadores no contexto espaço temporal da História da Educação e da Profissionalização Docente no Rio Grande do Sul**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. p.01.2002.

CUSTÓDIO, R. . **Narrativas de memórias e a pesquisa em História da Educação – IX ANPED SUL; UNEMAT/UFRGS**. Porto Alegre.p.6.2012.

ROLKOUSKI, E. . Histórias de Vida de Professores de Matemática, **Bolema**, Rio Claro (SP), p.63-88, 2008.

SOARES, L. . **Entrevista**. Pelotas, 09/06/2014.

THOMPSON, Paul Richard. A voz do passado: História Oral. In: **3.ed. São Paulo: Paz e Terra**, p.43.2002.